

As mulheres na e da Educação Popular no Brasil

Fernanda dos Santos Paulo¹

Resumo

Este estudo investiga as contribuições das mulheres na Educação Popular, destacando suas práticas e teorias em contextos brasileiros. Objetiva-se reconhecer e valorizar o papel das mulheres, muitas vezes invisibilizado em pesquisas e publicações relacionadas à Educação Popular. A metodologia inclui uma revisão sistemática da literatura, análise qualitativa de conteúdo e mapeamento de pesquisadoras e militantes. Os resultados mostram que as mulheres introduzem novas epistemologias feministas, promovem a conscientização de direitos e fortalecem redes de apoio, enfrentando a invisibilidade e o patriarcado nas práticas educativas. Conclui-se que suas ações são fundamentais para uma Educação Popular emancipatória e a construção de pedagogias críticas, almejando uma sociedade livre de opressões.

Palavras-chave

História da Educação Popular. Mulheres e Educação Popular. Teoria e prática da Educação Popular.

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; estágio pós-doutoral pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; educadora popular. E-mail: fernanda.paulo@unoesc.edu.br.

Women in and of Popular Education in Brazil

Fernanda dos Santos Paulo²

Abstract

This study investigates the contributions of women in Popular Education, highlighting their practices and theories in Brazilian contexts. It aims to recognize and value the role of women, often made invisible in research and publications related to Popular Education. The methodology includes a systematic literature review, qualitative content analysis, and mapping of researchers and activists. The results show that women introduce new feminist epistemologies, promote rights awareness, and strengthen support networks, confronting invisibility and patriarchy in educational practices. It was concluded that their actions are fundamental to emancipatory Popular Education and the construction of critical pedagogies, aiming for a society free from oppression.

Keywords

History of Popular Education. Women and Popular Education. Theory and practice of Popular Education.

² PhD in Education from the University of Vale do Rio dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil; postdoctoral research at the University of Vale do Rio dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; popular educator. E-mail: fernanda.paulo@unoesc.edu.br.

Primeiras palavras

O primeiro apontamento do artigo refere-se ao seu título e à necessária distinção entre mulheres “da” e “na” Educação Popular. Primeiramente, mulheres “da” Educação Popular são aquelas que se dedicam diretamente às práticas de Educação Popular. Elas atuam como educadoras, pesquisadoras de suas práticas e militantes em projetos, movimentos e iniciativas que promovem a conscientização e a transformação social por meio da Educação Popular. Por outro lado, mulheres “na” Educação Popular são aquelas que, embora não estejam diretamente envolvidas na prática diária da Educação Popular, dedicam-se ao estudo, à pesquisa e à teorização sobre o tema. Em geral, são contribuições acadêmicas. Normalmente, elas não se identificam como educadoras populares, mas suas contribuições teóricas são importantes para o avanço do campo. Esta distinção ressalta a importância de reconhecer ambas as formas de contribuições: mulheres “da” e “na” Educação Popular.

Em segundo lugar, para justificar a escolha do tema deste artigo, utilizei uma lista de educadoras mencionadas por Carlos Rodrigues Brandão em um *e-mail* de 2021, que inclui dezenas de mulheres associadas à Educação Popular. Contudo, para um artigo posterior, será necessário revisar e reclassificar essa lista a fim de distinguir entre as que se consideram educadoras populares e aquelas reconhecidas principalmente como estudiosas do campo.

Em conversas com Carlos Rodrigues Brandão, ele enfatizava a importância das mulheres na história da Educação Popular, destacando suas contribuições significativas ao longo dos anos, especialmente no contexto do Movimento de Educação de Base (MEB) no Brasil e em outros espaços situados em países da América Latina. Recordo-me da menção à sua esposa Maria Alice, educadora que também atuou no MEB Goiás: “Maria Alice foi coordenadora do MEB Goiás, onde a equipe era majoritariamente feminina, incluindo educadoras como Alda Maria Borges Cunha e tantas outras”.

Muitas mulheres, educadoras populares, sofreram grande invisibilidade no âmbito acadêmico, em especial devido às marcas de nossas sociedades machistas. Por isso, a história da Educação Popular na América Latina e no Brasil, marcada pela contribuição significativa de mulheres que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas no cenário nacional e internacional, precisa ser recuperada e registrada.

A lista de educadoras mencionadas em um *e-mail* escrito de Carlos Rodrigues Brandão, em 2021 para César da Silva³, com cópia para um grupo de educadores e educadoras populares, a qual me incluía, é um testemunho do impacto e da relevância dessas mulheres no desenvolvimento e na prática da Educação Popular. A listagem inicial de mulheres mencionadas no *e-mail*, tanto por Carlos Rodrigues Brandão como por Oscar Jara, foi de 50 nomes, a saber: Elza Freire (Brasil), Aurenice Cardoso (Brasil), Alda Maria Borges Cunha (Brasil), Beatriz Bebiano Costa (Brasil), Maria Tereza Sirvent (Argentina), Adriana Puiggrós (Argentina), Vera Barreto (Brasil), Marcela Gajardo (Chile), Sylvia Schmelkes (México), Vera Giannoten (Holanda/Peru), Norma Michi (Argentina), Izabel Hernández (Argentina), Marina Ampudia (Argentina), Lola Cendales (Colômbia), Claudia Korol (Argentina), Rosa Maria Torres (Equador), Roseli Caldart (Brasil), Vanilda Paiva (Brasil), Rosiska Darcy de Oliveira (Brasil), Eliete Santiago (Brasil), Liana Borges (Brasil), Moema Viezzer (Brasil), Ângela Biz Antunes (Brasil), Francisca Pini (Brasil), Vera Jaccoud (Brasil), Giulia Tamayo (Peru), Virginia Guzmán (Peru), Virginia Vargas (Peru), Nélide Céspedes (Peru), Ana Lucia Souza de Freitas (Brasil), Beatriz Cannabrava (Brasil), Valeria Rezende (Brasil), Conceição Paludo (Brasil), Elza Falckembach (Brasil), Silvia Manfredi (Brasil), Rosa Paredes (Venezuela), Rocío Rosero (Equador), Graciela Bustillos (México), Rocío Lombera (México), Laura Vargas (Costa Rica), Teresa Quiroz (Chile), María de la Luz Morgan (Chile/Peru), Pilar Ubilla (Uruguai), Maria de Lourdes Fávero (Brasil), Aparecida Siqueira (Brasil), Aída Bezerra (Brasil), Fernanda Paulo (Brasil), Ana Maria Freitas (Brasil), Nima Spigolon (Brasil), Maria Emília (Brasil).

Desta lista, escrita por Brandão (2021), 30 são mulheres brasileiras: Elza Freire, Aurenice Cardoso, Alda Maria Borges Cunha, Beatriz Bebiano Costa, Vera Barreto, Roseli Caldart, Vanilda Paiva, Rosiska Darcy de Oliveira, Eliete Santiago, Liana Borges, Moema Viezzer, Ângela Biz Antunes, Francisca Pini, Vera Jaccoud, Ana Lucia Souza de Freitas, Beatriz Cannabrava, Valeria Rezende, Conceição Paludo, Elza Falckembach, Silvia Manfredi, Maria de Lourdes Fávero, Aparecida Siqueira, Aída Bezerra, Fernanda Paulo, Ana

³ BRANDÃO, C. R. Ajuda com datas para o mapeamento histórico do termo "popular" e "educação popular" na minha dissertação. E-mail enviado a César Ferreira da Silva, 1 jul. 2021. Dos destinatários com cópia – rodadas de e-mails, enviados por Brandão: Oscar Jara Holliday, Ângela Biz Antunes, Maria Tereza Goudard Tavares, Cheron Moretti, Maria Eliete Santiago, Fernanda dos Santos Paulo, Valéria Vasconcelos, Osmar Favero e Nima Spigolon.

Maria Freitas, Nima Spigolon e Maria Emília. “E mais a juventude presente agora: Valéria Vasconcelos, Maria Tereza Goudard e Cheron Moretti” (Brandão, 2021).

A tese de Paulo (2018) explora a relação entre pioneiros e pioneiras da Educação Popular (EP) freireana e a universidade no contexto brasileiro. Nesta pesquisa, algumas mulheres foram citadas como protagonistas de experiências de Educação Popular associada ao MEB: Alda Maria Borges Cunha, mencionada por Carlos Rodrigues Brandão; Vera Jaccoud, mencionada por Brandão e por Osmar Fávero; Maria de Lourdes Fávero (Lurdinha), mencionada por Osmar Fávero; Maria Conceição Raposo, mencionada por Osmar Fávero; Nazira Vargas, mencionada por Vanilda Paiva; Vera Barreto, citada por Osmar Fávero; Maria Alice Martins Brandão, citada por Brandão e Osmar Fávero.

Outras mulheres de referência na Educação Popular, que não estavam diretamente ligadas ao MEB e ao Brasil, foram anunciadas, nomeadamente: Elza Freire, mencionada por Osmar Fávero; Norma Michi, citada por Carlos Rodrigues Brandão; Ana Maria Saul, indicada por Danilo Streck; Vanilda Paiva, reconhecida como pioneira por Brandão; Silvia Manfredi, referencial da Educação Popular (EP); Marcela Gajardo, referencial da EP; Rosa Maria Torres, referencial da EP; Roseli Salette Caldart, referencial da EP do Campo; Adriana Puiggrós, referencial da EP; Liana Borges, mencionada por Fernanda Paulo como referência do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, o MOVA (Paulo, 2018).

Em Paulo e Dickmann (2021) é possível localizar uma lista de mulheres relacionadas à Educação Popular, tais como: Ana Maria Araújo Freire (Nita), Maria Aída Bezerra Costa, Marcela Gajardo, Beatriz Bebiano Costa, Maria Alice Brandão, Nazira Abib Oliveira Vargas, Rosa Maria Torres, Roseli Salette Caldart e Vanilda Paiva. Streck (2021, p. 140-151) afirma que “As cartas revelam esta intensa mobilização que contava com a participação de educadores/educadoras e intelectuais [...], em especial as mulheres também aqui muito invisibilizadas.”

Cesar (2022) apresenta um quadro denominado como “Mapeamento das Mulheres Educadoras Populares da América Latina” (24 mulheres) e outro como “Mapeamento das Pesquisadoras sobre Educação Popular no Brasil” (19 mulheres) revelando a significativa participação feminina na consolidação da Educação Popular na América Latina. Relativo ao Brasil, podemos contemplar a Figura que segue.

Figura 1 – Mulheres brasileiras da e na Educação Popular



Fonte: material de formação da Associação de Educadores Populares de Porto Alegre, Paulo (2024).

Como podemos observar, a história da Educação Popular na América Latina e no Brasil é intrinsecamente ligada à significativa, embora frequentemente invisibilizada, contribuição das mulheres. Destacadas por Carlos Rodrigues Brandão e outros educadores, mulheres como Maria Alice Martins Brandão, Alda Maria Borges Cunha e Elza Freire ilustram o impacto das mulheres na Educação Popular. Estas mulheres, como Maria Alice em Goiás e tantas outras mencionadas em *e-mails* e nas pesquisas anteriormente citadas, enfrentaram um contexto marcado pelo machismo e pela sub-representação nas esferas acadêmicas e de poder. Em muitos casos, encontramos as mulheres apenas associadas ao contexto da formação e da prática em Educação Popular, mas sabe-se que muitas destas colaboraram para a construção de pedagogias críticas e emancipadoras que visavam à transformação social.

Em uma rápida pesquisa na Plataforma CpE⁴ (Ciência para Educação), um ambiente digital que busca promover a interação entre pesquisadores, educadores e interessados em

⁴ PLATAFORMA CpE. Plataforma de busca por especialistas e publicações em educação popular. Disponível em: https://plataforma-cpe.org/specialist-by-term/?csrfmiddlewaretoken=YYY0YBHpLCgfdO02syEx85GOGMTefBu0Wh94jOW6oGEDEa293Nq6ubiTsnliBDF&keywords=%22educa%C3%A7%C3%A3o+popular%22&filter_year=on&filter_year_start=2023&filter_year_end=2025&page=2. Acesso em: 11 fev. 2025.

diferentes áreas da educação, é possível encontrar especialistas e publicações acadêmicas organizadas por temas, com filtros de ano e outras categorias de busca. Por meio dessa plataforma, foram localizadas produções acadêmicas significativas que abordam a Educação Popular, destacando-se contribuições de mulheres que vêm atuando intensamente no campo. Entre as mulheres que têm se destacado nesse contexto, algumas merecem menção, entre elas: Adriana Varani, Alba Benemerita Alves Vilela, Alzira de Oliveira Jorge, Amanda Oliveira Rabelo, Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro, Anelise Rizzolo de Oliveira, Anita Helena Schlesener, Aparecida Maria Almeida Barros, Bárbara Souza Rocha, Carolina Nascimento Spiegel, Dulce Mari da Silva Voss, Edna Linhares Garcia, Ennia Débora Passos Braga Pires, Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula, Erotildes Maria Leal, Evelyn de Almeida Orlando, Fabiana de Oliveira Silva Sousa, Fabiana Rodrigues de Sousa, Fernanda dos Santos Paulo, Francisca Rodrigues de Oliveira Pini, Ivanilde Apoluceno de Oliveira, Károl Veiga Cabral, Maria Clara Bueno Fischer, Maria Clarisse Vieira, Maria do Socorro Xavier Batista, Maria Rocineide Ferreira da Silva, Maria Teresa Esteban do Valle, Maria Tereza Goudard Tavares, Maria Zenaide Alves, Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki, Sandra Maria Gadelha de Carvalho. Aqui, a distinção entre mulheres “da” e “na” Educação Popular é essencial para compreender a diversidade das contribuições femininas nesse campo.

Muitas das mulheres mencionadas na pesquisa da Plataforma CpE (Ciência para Educação) não estão diretamente vinculadas a grupos formais de Educação Popular, como o Grupo de Trabalho 6 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (GT6 da ANPEd) ou o Grupo de Trabalho de Pedagogias Críticas e Educação Popular do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (GT de Pedagogias Críticas da CLACSO), mas isso não minimiza a relevância de suas produções. Elas se enquadram, em grande parte, na categoria de mulheres “na” Educação Popular, pois suas contribuições teóricas, mesmo distantes das práticas cotidianas de Educação Popular em diferentes contextos, são fundamentais para a consolidação e o avanço do campo acadêmico. No entanto, há também pesquisadoras que atuam simultaneamente como pesquisadoras-militantes e praticantes da Educação Popular, sendo “da” e “na” Educação Popular, pois integram a prática direta de base com a produção teórica, promovendo uma interlocução constante entre teoria e prática. Esse cenário evidencia que o fortalecimento da Educação Popular não depende apenas da

prática militante, mas da produção acadêmica de mulheres que, por meio de pesquisas e estudos, fornecem bases críticas e reflexivas para sustentar e orientar essas práticas transformadoras.

Assim, este artigo foca nas contribuições de mulheres brasileiras para a Educação Popular e propõe uma revisão de literatura que reconhece e valoriza suas abordagens teóricas e práticas, disponíveis nos registros acadêmicos do Portal de Periódicos da CAPES. Esta análise visa a desvelar suas concepções e categorias centrais, lançando luz sobre a vasta e muitas vezes esquecida participação feminina na consolidação da Educação Popular no Brasil e na América Latina.

Caminho metodológico

A metodologia envolve uma pesquisa descritiva-analítica a partir de uma revisão sistemática de literatura, incluindo a seleção criteriosa de artigos, a análise qualitativa de conteúdo, e o mapeamento de pesquisadoras e militantes da Educação Popular. A escolha do tema é justificada pela necessidade de reconhecer e valorizar o papel significativo das mulheres na promoção da Educação Popular, frequentemente invisibilizado em pesquisas e livros relacionados à Educação Popular. O recorte temporal e geográfico abrange produções acadêmicas brasileiras contemporâneas, com ênfase em publicações dos últimos 20 anos. O problema de pesquisa que norteia este estudo é: **Como as mulheres brasileiras têm contribuído para a teoria e a prática da Educação Popular?**

A revisão sistemática é uma metodologia de pesquisa usada para coletar e avaliar criticamente pesquisas relevantes em torno de uma pergunta de pesquisa específica. Seu principal objetivo é identificar, selecionar e sintetizar todas as evidências disponíveis relacionadas a uma pergunta específica para responder conclusivamente. Utiliza-se de procedimentos transparentes para compilar dados científicos (Pereira; Galvão, 2014).

Desta forma, define-se como Base de Dados, o Portal de Periódicos da CAPES, cujos artigos publicados estão na língua portuguesa e foram avaliados por pares. Foram incluídos estudos que abordam temas relacionados à Educação Popular e às mulheres, cujo descritor exato foi “mulheres e Educação Popular” e o uso de operadores booleanos (AND) para combinar palavras-chave: “Educação Popular” AND “mulheres” AND “feminismo”, no

título e ou no resumo do artigo. Quanto aos critérios de exclusão dos artigos, não foi contemplado resumos de conferências, resenhas e entrevistas; 2) textos não disponíveis na plataforma.

Para trabalhar com os artigos selecionados organizei um quadro (Figura 2) com as formações de cada artigo, como: a) concepção de Educação Popular; b) contexto das mulheres na Educação Popular no artigo; c) categorias utilizadas relacionadas às mulheres e a Educação Popular; d) resultados; e e) Referência completa.

Figura 2 – Mostra do trabalho de organização da revisão de literatura

Concepção de Educação Popular	Contexto das mulheres na Educação Popular no artigo	Categorias utilizadas relacionadas às mulheres e a Educação Popular	Resultados	Referência
A concepção de Educação Popular apresentada no artigo está enraizada na tradição freireana. A Educação Popular é vista como um movimento político e pedagógico com foco na afirmação dos sujeitos e na luta por uma sociedade sem opressões. E caracterizada pela prática libertadora que busca coerência entre discurso e ação, questionando e transformando a realidade social. O artigo enfatiza a relação entre conhecimento popular e acadêmico e a importância da palavra	O artigo discute a invisibilidade das mulheres na produção científica e nos espaços de poder da Educação Popular, destacando que, apesar da significativa presença quantitativa feminina, as mulheres continuam sub-representação em posições de destaque. A análise aborda como o patriarcado influencia as práticas acadêmicas e militantes, resultando em opressões e invisibilidades. Além disso, o artigo explora a tensão entre a crescente presença das mulheres e as práticas enraizadas de uma sociedade patriarcal, evidenciando a necessidade de uma	As principais categorias relacionadas às mulheres e à Educação Popular utilizadas no artigo incluem: Invisibilidade: A falta de visibilidade das mulheres nos espaços acadêmicos e de poder, mesmo em contextos progressistas. Patriarcado: A influência das estruturas patriarcais na academia e nos movimentos sociais. Epistemologias Feministas: A criação de novas formas de conhecimento a partir das experiências e perspectivas das mulheres. Interseccionalidade: A consideração das diferentes formas de opressão enfrentadas por mulheres	Os resultados do texto apontam para a persistência da invisibilidade das mulheres em espaços de Educação Popular e a necessidade de novas epistemologias feministas que possam desafiar essas estruturas de opressão. O estudo revela que, apesar da presença significativa de mulheres na produção acadêmica, há uma sub-representação nas posições de poder e visibilidade. O artigo também destaca a importância de práticas feministas na transformação desses espaços, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa	SOUZA, Micheli Silveira de; RIBEIRO, Silvana; PEREIRA, Thiago Ingrassia. Educação Popular e feminismos: tensões, rupturas e afirmações. <i>Revista Pedagógica</i> , v. 23, p. 1-28, 2021.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Concernente à análise qualitativa dos artigos, fiz uso de técnicas de síntese qualitativa para analisar e integrar os resultados dos estudos, focando em identificar temas comuns e diferenças significativas entre os estudos.

Análise crítica das contribuições dos estudos sobre Educação Popular e mulheres contribuições significativas

De modo geral, a concepção de Educação Popular, segundo a revisão de literatura apresentada, está enraizada na tradição freireana, caracterizando-se como um movimento político e pedagógico. Esta acepção valoriza a prática libertadora, que se empenha em criar uma coerência entre discurso e ação, promovendo um questionamento crítico e a transformação da realidade social. A Educação Popular associada à busca pela emancipação dos sujeitos por meio de um diálogo que integra o conhecimento popular e o acadêmico, reconhecendo a palavra como um elemento essencial que pode ser tanto um veículo de afirmação quanto de opressão. O processo educativo é entendido como uma ferramenta para fomentar a consciência crítica, a mobilização e a luta por uma sociedade mais justa e sem opressões.

A concepção de Educação Popular enfrenta desafios significativos tanto como teoria quanto como prática. Como movimento político-pedagógico, busca contemplar as necessidades e realidades das classes oprimidas e trabalhadoras, promovendo a luta contra as desigualdades e a construção de uma sociedade mais humanizadora (Daron, 2009, Machado; Paulo, 2020, Souza; Ribeiro; Pereira, 2021;). No entanto, a sua implementação enfrenta obstáculos decorrentes das diversidades e especificidades dos contextos sociais em que opera, sem abandonar o objetivo de uma transformação social ampla.

Em alguns casos, não se observou a relação explícita entre o específico (contexto das mulheres) e o geral (construção de uma sociedade mais humanizadora), a exemplo de Teixeira (2008), que observa a construção de comunidades de aprendizagem e redes de suporte mútuo, com um foco significativo em práticas de cuidado e bem-estar, sem uma ligação explícita com a transformação estrutural da sociedade. Cunha e Nascimento (2015), igualmente, focam na transformação das condições individuais e sociais das mulheres em situação de violência doméstica, com ênfase à autonomia e participação social, mas não aborda explicitamente a transformação da sociedade como um todo. Embora Busko (2011) trabalhe a partir de uma “filosofia da libertação”, sua abordagem foca mais na dignidade e no respeito individuais, promovendo a participação social em comunidades específicas, sem

uma ênfase explícita na transformação ampla da sociedade. No entanto, o referencial teórico utilizado contempla a relação entre transformação pessoal, comunitária e social.

A Educação Popular deve constantemente equilibrar a coerência entre a teoria crítica e as práticas concretas que efetivamente respondam às necessidades dos oprimidos, o que exige um compromisso contínuo com a justiça social e com a criação de estratégias pedagógicas que reflitam as experiências e desafios das classes oprimidas.

A revisão de literatura destaca diversas categorias relacionadas às mulheres e à Educação Popular, refletindo sobre invisibilidade, patriarcado, e epistemologias feministas. A “invisibilidade” refere-se à falta de reconhecimento e representação das mulheres nos espaços acadêmicos e de poder, mesmo em contextos progressistas. O “patriarcado” descreve a influência das estruturas patriarcais nas práticas acadêmicas e militantes, que perpetuam opressões e invisibilidades. As “epistemologias feministas” são mencionadas como a necessidade de criar novas formas de conhecimento baseadas nas experiências das mulheres, reconhecendo a interseccionalidade das opressões que enfrentam. Estas categorias são utilizadas para criticar as práticas existentes e promover uma perspectiva mais inclusiva e visível para as mulheres na e da Educação Popular.

Para responder o problema de pesquisa “Como mulheres brasileiras têm contribuído para a teoria e a prática da Educação Popular?”, mediante, revisão sistemática, organizei o Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Revisão sistemática de literatura a partir do problema de pesquisa

Como mulheres brasileiras têm contribuído para a teoria e a prática da Educação Popular?		
Contribuição das mulheres brasileiras	Descrição	Referência
Produção de novas epistemologias feministas	As mulheres brasileiras contribuem com novas epistemologias feministas que questionam a invisibilidade e as práticas patriarcais na academia e nos movimentos sociais, promovendo maior inclusão e visibilidade das mulheres na Educação Popular.	SOUZA, Micheli Silveira de; RIBEIRO, Silvana; PEREIRA, Thiago Ingrassia (2021).
Educação Popular em Saúde	Mulheres trabalhadoras rurais utilizam o Círculo de Cultura como uma estratégia educativa para conscientização sobre riscos laborais, autocuidado e promoção da saúde, integrando saberes populares e científicos.	FERREIRA, Lucimare; FERRETTI, Fátima; TRINDADE, Letícia de Lima; NALIN, Vanesa, (2014).

Empoderamento e participação social	Mulheres em situação de violência doméstica utilizam a Educação Popular para aumentar a conscientização sobre seus direitos, desenvolver redes de apoio social e promover sua participação social.	CUNHA, Vanessa Bezerra da; NASCIMENTO, Perisson Dantas do, (2015).
Educação Popular como ferramenta de denúncia e reconstrução	Mulheres camponesas usam a Educação Popular para desconstruir ideologias patriarcais, acessar políticas públicas e fortalecer sua autonomia, enfrentando barreiras culturais e patriarcais.	GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela, (2022).
Capacitação e empoderamento jurídico	Mulheres de Macaé (RJ) são capacitadas em direito através da Educação Jurídica Popular, permitindo-lhes atuar como multiplicadoras em suas comunidades, promovendo redes de informação e igualdade de gênero.	ALMEIDA, Fernanda Andrade; FRANCO, Larissa Batista, (2020).
Valorização de narrativas quilombolas	Mulheres quilombolas de São Lourenço do Sul utilizam práticas de Educação Popular, como rodas de diálogo e oficinas de confecção de bonecas, para promover a conscientização cultural e fortalecer a identidade e redes de apoio.	SANTOS, Venine Oliveira dos; ROSA, Graziela Rinaldi da (2022).
Contribuições para Direitos Humanos e interseccionalidade	Mulheres negras enfrentam e resistem ao racismo e sexismo, utilizando a Educação Popular para promover práticas pedagógicas inclusivas e articular a luta por direitos humanos e interseccionalidade.	BRAGA, Graça Elenice dos Santos; SANTOS, Maria José dos; RAMOS, Adilson dos, (202).
Criação de redes de suporte e afeto	Mulheres em projetos de extensão em Belém utilizam a Educação Popular em saúde para desenvolver redes de suporte mútuo, integrando práticas educativas com mudanças comportamentais no cuidado com a saúde.	TEIXEIRA, Elizabeth, (2008).
Integração de feminismo decolonial e Educação Popular	Mulheres negras periféricas usam hortas comunitárias e a Educação Popular para enfrentar opressões múltiplas, promovendo reflexão crítica e produção de conhecimento sobre suas experiências.	NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; COSTA, Mônica Rodrigues; CLEMENTE, Flávia da Silva, (2023).
Transformação Social e Participação nas Comunidades Ribeirinhas	Mulheres nas comunidades ribeirinhas do litoral sul paulista, com apoio da Igreja, utilizam a Educação Popular para alcançar maior participação social e superar	BUSKO, Paula Simone, (2011).

	limitações impostas pelo analfabetismo e pobreza.	
Educação Popular para Transformação social e saúde	Mulheres camponesas do Movimento de Mulheres Camponesas utilizam práticas populares de saúde integradas à luta por direitos, promovendo autonomia e participação social no campo.	DARON, Vanderléia Laodete Pulga, (2009).
Reconhecimento das contribuições das mulheres na educação	Mulheres pioneiras como Nísia Floresta e Maria Lacerda de Moura contribuem para redefinir o papel das mulheres na educação e sociedade, enfatizando a emancipação e conscientização política.	MACHADO, Rita de Cássia Fraga; PAULO, Fernanda Santos, (2020).

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Com base no Quadro 1, a análise e integração dos resultados dos estudos sobre as contribuições das mulheres brasileiras para a teoria e a prática da Educação Popular revelam vários **temas comuns e diferenças significativas**. Dos temas comuns destacam-se:

- 1) Epistemologias feministas e crítica ao patriarcado: estudos, como o de Souza *et al.* (2021) e Gabatz e Angelin (2022), apontam a persistência da invisibilidade e sub-representação das mulheres nos espaços acadêmicos e de poder, mesmo dentro de contextos progressistas como a Educação Popular. Esta invisibilidade é atribuída a estruturas patriarcais que limitam a participação plena das mulheres. Em resposta, há uma busca ativa por novas epistemologias feministas que desafiam essas estruturas opressivas, promovendo a inclusão e a visibilidade das mulheres.
- 2) Educação Popular como ferramenta de cuidado e empoderamento: A Educação Popular é utilizada como uma ferramenta para conscientização, promoção de direitos e desenvolvimento de redes de apoio, especialmente para mulheres em situações vulneráveis. Cunha e Nascimento (2015) mostram como essa visão ajuda mulheres em situação de violência doméstica a entender seus direitos e desenvolver suportes sociais. O uso da Educação Popular para promover a saúde e bem-estar é destacado nos estudos de Ferreira *et al.* (2014) e Teixeira (2008), em que as mulheres trabalham juntas para enfrentar riscos ocupacionais e melhorar suas práticas de cuidado com a saúde.
- 3) Participação, resistência e transformação social: estudos, como os de Braga *et al.* (2021) e de Nascimento *et al.* (2023), evidenciam a contribuição das mulheres para a

transformação social por meio da resistência a múltiplas formas de opressão, como racismo e sexismo. Essas mulheres utilizam a Educação Popular para criar práticas. A participação ativa das mulheres em suas comunidades, promovida por projetos de Educação Popular, fortalece sua autonomia e capacidade de ação, como visto no estudo de Almeida e Franco (2020) com o projeto “Elas por Elas”.

- 4) Narrativas e reconhecimento: A valorização das narrativas e identidades culturais das mulheres, especialmente em contextos quilombolas e rurais, é um tema recorrente. Santos e Rosa (2022) e Busko (2011) destacam como a Educação Popular é usada para promover a conscientização cultural e fortalecer as redes de apoio e identidade das mulheres.

Quanto aos temas com diferenças significativas destacam-se:

- 1) Os contextos variam significativamente, com alguns estudos focando em riscos ocupacionais e saúde (Ferreira *et al.*, 2014), enquanto outros se concentram em direitos humanos e luta contra opressões mais amplas (Braga *et al.*, 2021). Isso mostra a diversidade de práticas e contextos da Educação Popular.
- 2) A atuação em contextos quilombolas (Santos; Rosa, 2022) contrasta com os estudos focados em contextos urbanos e periféricos (Nascimento *et al.*, 2023). As necessidades e desafios enfrentados pelas mulheres variam significativamente entre esses ambientes, influenciando as estratégias de Educação Popular utilizadas.
- 3) As estratégias educativas diferem entre os estudos, com alguns utilizando o Círculo de Cultura para promover interação e troca de saberes (Teixeira, 2008), enquanto outros empregam a capacitação jurídica para empoderamento e defesa de direitos (Almeida; Franco, 2020). Essas abordagens refletem diferentes metodologias, necessidades e objetivos das mulheres nos diversos contextos.
- 4) Há uma distinção entre práticas voltadas para a promoção de saúde e bem-estar (Ferreira *et al.*, 2014) e aquelas que visam à mobilização política e a transformação social (Gabatz; Angelin, 2022). Isso demonstra como a Educação Popular está presente nas políticas sociais, nos movimentos sociais e que podem convergir.
- 5) Alguns estudos enfatizam fortemente a interseccionalidade, considerando como gênero e raça se entrelaçam para criar formas únicas de opressão (Nascimento *et al.*,

2023). Outros se concentram mais exclusivamente na dimensão de gênero ou no contexto de gênero em interseção com outras categorias, como classe social (Cunha; Nascimento, 2015).

Como podemos observar as contribuições das mulheres brasileiras para a teoria e a prática da Educação Popular são vastas e diversas, refletindo a complexidade e a multiplicidade de suas experiências e contextos. Elas têm sido fundamentais na criação de novas epistemologias feministas, promovendo a conscientização e o empoderamento, resistindo às múltiplas formas de opressão e valorizando suas identidades e narrativas culturais. Apesar das diferenças em contextos e metodologias, não há antagonismo, ao contrário, existe diferença na diversidade de contextos, metodologias com a utilização da Educação Popular como uma concepção atrelada à transformação das realidades, a formação de mulheres para a promoção de uma vida mais justa e inclusiva.

As mulheres brasileiras têm contribuído para a teoria e a prática da Educação Popular ao desenvolver epistemologias feministas, promover a conscientização de direitos, integrar saberes populares e acadêmicos, e fortalecer redes de apoio, enfrentando estruturas patriarcais e invisibilidade, como podemos observar no organograma. Essa tese enfatiza uma perspectiva inovadora: o papel transformador da interseccionalidade nas práticas educativas, ao conectar experiências locais de mulheres com a formulação de políticas públicas emancipadoras, o que potencializa o impacto da Educação Popular interseccional, intersetorial, inclusiva e transformadora.

Figura 3 – Educação Popular e a contribuições das mulheres



Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Os estudos sobre a Educação Popular e o papel das mulheres têm fornecido diversas contribuições para a compreensão e o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas e emancipadoras.

Algumas das contribuições das mulheres reconhecidas da e na Educação Popular

A contribuição das mulheres brasileiras para a teoria e prática da Educação Popular é interessante e multifacetada. Elas desempenharam papéis essenciais na formação e desenvolvimento de práticas de Educação Popular.

Muitas das educadoras, como Beatriz Bebiano Costa, Elza Freire e Maria Alice Martins Brandão, enfrentaram invisibilidade em espaços acadêmicos tratando-se da Educação Popular. Apesar disso, sua resiliência contribuiu significativamente para a construção da Educação Popular emancipadora. Mulheres como Beatriz Bebiano Costa tem relevância na história da Educação Popular no Brasil, mesmo sem muita visibilidade. Sua atuação se deu em contextos marcantes como o Movimento de Educação de Base (MEB), onde desenvolveu metodologias participativas e contribuiu significativamente para a sistematização de experiências educativas, por meio de suas práticas e publicações. (Costa;

Jaccoud, 1986; Costa; Weid, 1987). Educadoras como Maria Alice Brandão e Alda Maria Borges Cunha, em diversas iniciativas, destacam-se na coordenação de programas de alfabetização de adultos com base na Educação Popular.

Na atualidade, embora em menor escala, as mulheres ainda enfrentam sub-representação em posições de destaque tanto na universidade, quanto no reconhecimento de atuação com práticas de Educação Popular. Isso perpetua a invisibilidade de suas contribuições, dificultando o reconhecimento e valorização de mulheres da e na Educação Popular.

Embora haja avanços na integração de perspectivas interseccionais, muitas análises ainda não consideram plenamente as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam. Isso limita o reconhecimento e variação das práticas educativas destas mulheres. Assim, a integração contínua de epistemologias feministas pode superar as limitações impostas pelo patriarcado, promovendo uma educação mais inclusiva que valoriza a experiência das mulheres. Diante disso, a participação ativa das mulheres em movimentos de Educação Popular tem fortalecido as redes de visibilidade e apoio, a exemplo do Conselho de Educação Popular da América latina e Caribe (CEAAL).

Considerações finais

O estudo revelou que as contribuições das mulheres brasileiras na Educação Popular são tanto teóricas quanto práticas, abrangendo o desenvolvimento de epistemologias feministas e a coordenação de projetos baseados na promoção da interseccionalidade. Essas iniciativas envolvem movimentos sociais e políticas públicas, especialmente nas áreas de educação e saúde, com foco na implementação de práticas educativas libertadoras. Apesar dos limites impostos pela sub-representação e barreiras culturais, as possibilidades criadas por essas contribuições incluem o fortalecimento de redes de apoio, o aprofundamento de abordagens interseccionais, e o desenvolvimento de políticas públicas embasadas pela Educação Popular. Essas contribuições continuam a enriquecer a Educação Popular, promovendo uma educação que é não apenas crítica e reflexiva, mas profundamente transformadora e inclusiva.

As mulheres brasileiras têm contribuído para a teoria e a prática da Educação Popular ao articular suas experiências e conhecimentos em contextos diversos. Suas contribuições destacam-se em vários aspectos, incluindo a demanda da constituição de epistemologias feministas, a crítica ao patriarcado, a promoção da interseccionalidade e práticas educativas libertadoras.

As contribuições feministas incluem a consideração de múltiplas formas de opressão que afetam as mulheres, como racismo, classismo e discriminação de gênero. Esse enfoque retoma a concepção de Educação Popular emancipatória, a qual inclui compreendê-la como anticapitalista, integral, decolonial, antirracista, intersetorial, interseccional, inclusiva, antipatriarcal, socioambiental e antidiscriminação.

A trajetória das mulheres na e da Educação Popular é marcada por contribuições significativas e simultaneamente pela invisibilidade, consequência de um contexto histórico e social patriarcal. As mulheres “da” Educação Popular, ao atuarem diretamente em diferentes contextos educativos e políticos, e as mulheres “na” Educação Popular, ao construir reflexões acadêmicas essenciais ao avanço do campo, compartilham um legado que, embora vasto, ainda enfrenta resistências no reconhecimento formal por parte de muitos pesquisadores da área da educação. Esta invisibilidade não é apenas uma questão de omissão histórica, mas também reflete desigualdades estruturais persistentes na produção e circulação de conhecimento. A análise das contribuições femininas, como demonstrado ao longo deste artigo, evidencia a criação de novas epistemologias feministas e críticas ao patriarcado, categorias analíticas essenciais para entender a Educação Popular como um processo de transformação social e emancipação. A recuperação e visibilização dessas trajetórias não apenas fortalecem a memória coletiva da Educação Popular, mas são fundamentais para a construção de pedagogias críticas que integram prática e teoria no enfrentamento das múltiplas opressões.

Por isso, cabe ressaltar que a análise interseccional das opressões enfrentadas por mulheres de diferentes contextos ainda é insuficiente. Há necessidade de maior integração de perspectivas que considerem raça, classe, gênero, entre outros fatores. Também, aproximar a análise interseccional das diferentes formas de opressão enfrentadas por mulheres em contextos rurais e periféricos pode ajudar a entender melhor como as desigualdades se manifestam e afetam as mulheres de maneiras específicas.

Para um futuro próximo, é essencial continuar a expandir pesquisas que reconhecem e incorporam as experiências das mulheres pioneiras, educadoras populares, garantindo que suas vozes e contribuições sejam valorizadas e integradas na história da Educação Popular e na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sem opressões.

Referências

ALMEIDA, F. A.; FRANCO, L. B. "Elas por Elas": educação jurídica popular e direito das mulheres. **Caminho Aberto**, Florianópolis, v. 7, n. 13, p. 24-34, 2020. DOI 10.35700/ca2020024-342946. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2946>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BRAGA, G. E. S.; SANTOS, M. J.; RAMOS, A. Mulheres negras e direitos humanos: Educação Popular no giro do esperançar. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 2742-2757, 2021. DOI 10.1590/2179-8966/2021/62745. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/Q4TnVrKWSJ5yk63YDrPbXPH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 dez. 2024.

BUSKO, P. S. Mulher, Igreja e Educação Popular: a libertação de mulheres nas comunidades ribeirinhas do litoral sul paulista na primeira metade do século XX. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 10, p. 31-37, 2011. DOI 10.14393/REP-2011-20208. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/view/20208>. Acesso em: 3 dez. 2024.

COSTA, B.; WEID, B. V. **Para analisar uma prática de educação popular: educação popular: um depoimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.

COSTA, M. A. B.; JACCOUD, V.; COSTA, B. **MEB: uma história de muitos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CUNHA, V. B.; NASCIMENTO, P. D. Pensando a Educação Popular e participação social para mulheres em situação de violência doméstica em Teresina. **Gestão & Saúde**, Brasília, DF, v. 6, n. Supl. 1, p. 734-750, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2705>. Acesso em: 3 dez. 2024.

DARON, V. L. P. A dimensão educativa da luta por saúde no Movimento de Mulheres Camponesas e os desafios político-pedagógicos para a Educação Popular em saúde. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 29, n. 79, p. 387-399, 2009. DOI 10.1590/S0101-32622009000300008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ByJXrm9d9F4bsCYxdNqFggy/>. Acesso em: 3 dez. 2024.

FERREIRA, L. *et al.* O Círculo de Cultura: estratégia de Educação Popular em saúde para trabalhadoras rurais. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 195-210, 2014. DOI 10.18569/tempus.v8i2.1519. Disponível em:

<https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1519>. Acesso em: 3 dez. 2024.

GABATZ, C.; ANGELIN, R. A Educação Popular como método feminista de denúncia e (re)construção da realidade de mulheres no campo: um estudo de caso. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**, Rio Grande, v. 14, n. 29, p. 153-175, 2022. DOI 10.14295/rbhcs.v14i29.14582. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/14582>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MACHADO, R. C. F.; PAULO, F. S. Pioneiras da Educação no Brasil: Mulheres, professoras e intelectuais. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 52, p. 181-197, 2020. DOI 10.21680/1983-2109.2020v27n52ID19165. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/19165#:~:text=As%20trajet%C3%B3rias%20te%C3%B3rico%2Dpr%C3%A1ticas%20das,pol%C3%ADtica%20em%20uma%20perspectiva%20hist%C3%B3rica>. Acesso em: 4 dez. 2024.

NASCIMENTO, F. S.; COSTA, M. R.; CLEMENTE, F. S. Articulado feminismo decolonial, interseccionalidade e Educação Popular em pesquisa com mulheres negras. **Interritórios**, Caruaru, v. 9, n. 18, p. 1-26, 2023. DOI 10.51359/2525-7668.2023.258944. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/258944>. Acesso em: 3 dez. 2024.

PAULO, F. Mapeamento das pesquisadoras sobre Educação Popular no Brasil. Produzido a partir de César Ferreira da Silva, 2022. **Material de formação da Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA)**, 2024.

PAULO, F. S. **Pioneiros e Pioneiras da Educação Popular Freiriana e a Universidade**. 2018. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7120>. Acesso em: 3 dez. 2024.

PAULO, F. S.; DICKMANN, I. (org.). **Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão**: contribuições para a Educação Popular. Chapecó: Livrologia, 2021.

PAULO, F. S.; GAIO, A. **Educação Popular nas Cartas do Educador Carlos Rodrigues Brandão**: Contribuições para a Pedagogia Latino-Americana. Chapecó: Livrologia, 2021.

PEREIRA, M. G.; GALVÃO, T. F. Etapas de busca e seleção de artigos em Revisões Sistemáticas da Literatura. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 23, n. 2, p. 369-371, 2014. DOI 10.5123/S1679-49742014000200019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/Js rzXSjNydMpnBtCg4jNcJQ>. Acesso em: 3 dez. 2024.

SANTOS, V. O.; ROSA, G. R. Pensando as interseccionalidades com as mulheres dos quilombos de São Lourenço do Sul. **Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense**, Blumenau, v. 9, n. 18, p. 76-90, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/369336899_Pensando_as_interseccionalidades_com_as_mulheres_dos_quilombos_de_Sao_Lourenco_do_Sul. Acesso em: 3 dez. 2024.

SOUZA, M. S.; RIBEIRO, S.; PEREIRA, T. I. Educação Popular e feminismos: tensões, rupturas e afirmações. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 23, p. 1-29, 2021. DOI 10.22196/rp.v22i0.6507. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6507>. Acesso em: 3 dez. 2024.

STRECK, D. **Posfácio**. In: PAULO, F. S.; GAIO, A. Educação Popular nas Cartas do Educador Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a Pedagogia Latino-Americana. Chapecó: Livrologia, 2021.

TEIXEIRA, E. Modos de sentir e aprender entre mulheres em um projeto de Educação Popular em saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 57-62, 2008. DOI 10.1590/S1414-81452008000100009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/qZ4cwHdWc7Bw3nWBdZmNqbT/?lang=pt>. Acesso em: 3 dez. 2024.

Submetido em 17 de junho de 2024.
Aprovado em 9 de fevereiro de 2025.